



CADERNO DE ARTISTA

Barbara de Quadros Saraiva

2019-2021

Rio de Janeiro, 20 de março de 2019

Vida.

Lá fora misturam-se assovios precisos de bem-te-vis à vassoura do Mauro, que esfrega o chão da vila a juntar folhas secas que antecipam o outono e goiabas maduras com seus rosas estrelados. Hugo corre e conversa com Arthur embaixo de minha janela. Gritam mesmo! Lindos agudos infantis. São 17:53, o incenso de mel já tomou o ar por completo e a luz contida e filtrada penetra pela janela verde até minha mesa. Esta carta marca o início de um ciclo que brota de um processo longo – dois anos pensando coletivamente o curso presencial de especialização em ensino de Artes Visuais. Como escolher as palavras para essa apresentação? O que dizer? Fragmentos/pistas/acenos/retalhos.

Preciso remontar algumas peças deste labiríntico eu-tableleiro, que ajudarão a iluminar o percurso: faz tempo, quando, ainda menina, deparei-me com a pintura, que julgo ter grande papel em trazer-me até aqui. Era um Monet, algum quadro das *Ninféias*, exibido no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, durante a mais visitada exposição do ano de 1997. Aquelas pinceladas e cores me atravessaram: foi a primeira vez que me lembro de ter ficado extasiada diante da arte. Devo explicar que, aos onze anos, visitei essa mostra a pedido da Gessy, minha professora de Artes Visuais da 5ª série do Colégio Pedro II: uma figura baixinha, séria, rispida, um pouco turrona, que portava um coque impecável, a pele sardenta e trazia uns olhos claros aguados e semi-turvos. Ela me ofereceu certas bases. Mais: a ponte. Ao instigar um exercício de experimentar ingenuamente a brincadeira de ler Monet, ajudou a conduzir-me até este agora.

Aqui cheguei sem saber ao certo por que vim. Já lhe aconteceu isto? Como uma sensação de ter sido levada a algum lugar, sem que tenha calculado cada passo até a chegada. Em 2004, comecei a cursar a faculdade de Artes: por um lado, animada com todas as novidades e desafios; por outro, certa desconfiança desconfortável sobre o futuro e as chances de trabalho. A licenciatura acenava espalhafatosamente e eu a fingir-me de cega – nunca quis ser professora (era o que pensava...). Voltar a entrar em uma escola respondeu uma série de questões sufocadoras que insistiam em abrigar-se em mim. Era um ardor de não poder. De desalcançe. Mas restava uma intimidade esquecida: as escolas sempre foram lares para mim. Rememoração de familiaridade. Aconchego. Entrar como professora pela primeira vez em uma escola me deu a impressão de pertencimento. Desde então, vivo escolas possíveis e luto também pelas impossíveis. Debruço-me sobre escolas e amores. Nesse sentido lanço aqui alguns assobios para intercambiar experiências. Que escola e que sala de aula podem ser pensadas, problematizadas e praticadas para uma formação justa, de liberdade, de equidade, de solidariedade e de prazer? Como possibilitar, instigar e garantir a presença e a participação ativa e crítica de todos na invenção poética e cotidiana da escola?

Não vejo outra saída, senão empregar minhas forças para provocar mudanças efetivas que apontem para novos tempos nas escolas. A escola realmente necessária é aquela que exalta as emoções, que abre brechas no domínio da razão e, esgarçando seus ramos, conclama o viver coletivo-combativo e criativo, capaz de travar lutas em nome do amor – gesto político. Reivindico uma prática docente a fim de afetos. A educação pública é minha terra, nela semeio minhas utopias cotidianas e ensaio projetos de cidadania. Estou aberta, no que dou-me a conhecimentos. Vivo o jogo do aprender e desaprender que não cessa, no qual as regras estão em permanente movimento. Consciente do absurdo de minha escolha, repito meu percurso todos os dias: pretendo no fazer escola miúdo, meu prazer é na guerrilha diária, cuja arma potente é o amor: delicada tarefa de viver junto inventando uma comunidade dos sentidos.

Desejo que esta jornada acene para divertimentos e que, a cada etapa, façamos-nos parceiras generosas através da entrega. Recorde-se bem de que viver é inventar e criações são persistências. Afagos são intencionalmente bem-vindos durante o percurso. Sugiro que sigamos tentando escrever sobre a vida, narrando o que por suspensão ou decantação se forja. Sigamos acreditando nas conversas e nos debates. Apostando que da maturação das comungações coletivas a terra seja preparada para vindouras sementes. Passos que caberão às mãos ágeis capazes de cultivar futuros revoltos, atentas ao carinho que abraça o frio e aos suores que vociferam revoluções. Que entre aspirações e deslocamentos, andemos fortes, justo porque nem tudo são flores. Nos permitamos demoras em desabrochar. Travessia de olhos atentos e sorrisos largos para (co)mover.

Até breve,

CARTA DA LIA





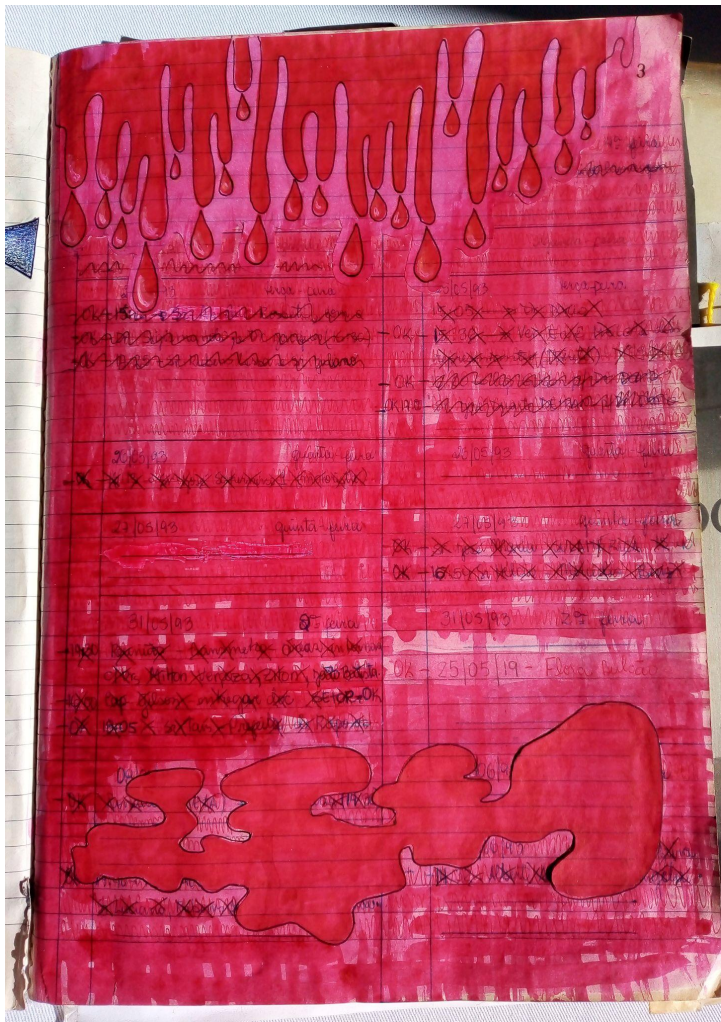




PÁGINA 3 COM MÁSCARA















numo obra é pragmática, a tarefa da arte é tornar o pético
Carlos Veraguera

A arte comenta sem a palavras
faz perguntas e deixa abertas os limites
a um espaço de libertação

conta com o acaso - margem a muitos caminhos
e escolhas.



o como é que faz
o ponto de vista
individual

nessa relação, de
verem o olhar + pético
dão um salto
mudam de lugar.
penham no
universo da

busca dentro de si para entendê-la

cada caminho é diferente pois é diferente o
sujeito, o ponto de partida

O professor é professor por sentir

A arte não tem finalidade, ela existe no olhar.

28/06

novos olhos e prático, a forma da arte e tom do político
Carlos Vasconcelos

A arte comenta sem a palavra
faz perguntas e deixa abertas as linhas
e um espaço de libertação

conta com o acaso - margem a muito cominho
e as coisas.



o como e' que tem
o ponto de vista
individual

nessa relação, sem
ordenar o olhar e político
há um salto
mudança de lugar
penetram no
Universo da

buscam dentro de si para entendê-la

cada cominho e' diferente pois e' diferente o
sujeito, o ponto de partida

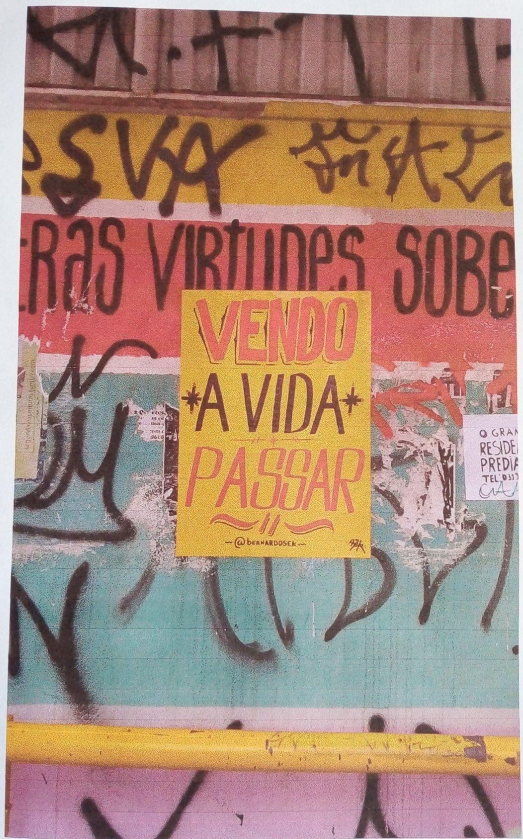
O professor e' professor propentor

A arte não tem finalidade, ela existe no olhar.



Elicina + 1 (Bartol) = 16:30			
23 F	20/09/93	23 F	20/09/93
4 F	22/09/93	4 F	22/09/93
OK - André Soares (R:35)			
5 F	23/09/93	5 F	23/09/93
6 F - Carlos	24/09/93	6 F - Carlos	24/09/93
OK - Carlos Henrique (16:15)			
OK - Valeriano (5:30)			
25 F	22/09/93	25 F	22/09/93
OK - João Nunes (Indagem) 14p + Odilon (SEPRO)			
26 F	01/10/93	26 F	01/10/93
OK - Davy			
06/10/93	4 F - Carlos	06/10/93	4 F - Carlos
OK - Dep. Benício Moura (Paraná) + uma pessoa, Presidente da Ordem + 2 líderes comunitários			
07/10/93	5 F - Carlos	07/10/93	5 F - Carlos
08/10/93	6 F - Carlos	08/10/93	6 F - Carlos
OK - Dr. José Carlos Freitas		OK - Sr. Salim	
		Uma representante de Estímulo p/ Mercado reunido: sobre aumento de tributos na linha U50. Soubemos bil. etc.	
4 F - Carlos	13/10/93	4 F - Carlos	13/10/93
OK - 14:40 Gilberto - ROLTEC - Engenheiro		OK - Bernardo - AJR	
16:30 - Gilde - spatuba s/ café			





Para mim a arte é

* o fazer-se com cores

* o trabalho da alma

* o revirar-se com lápis

* o abrir a porta

* o lambeo um picolé

* o soltar-se no oceano

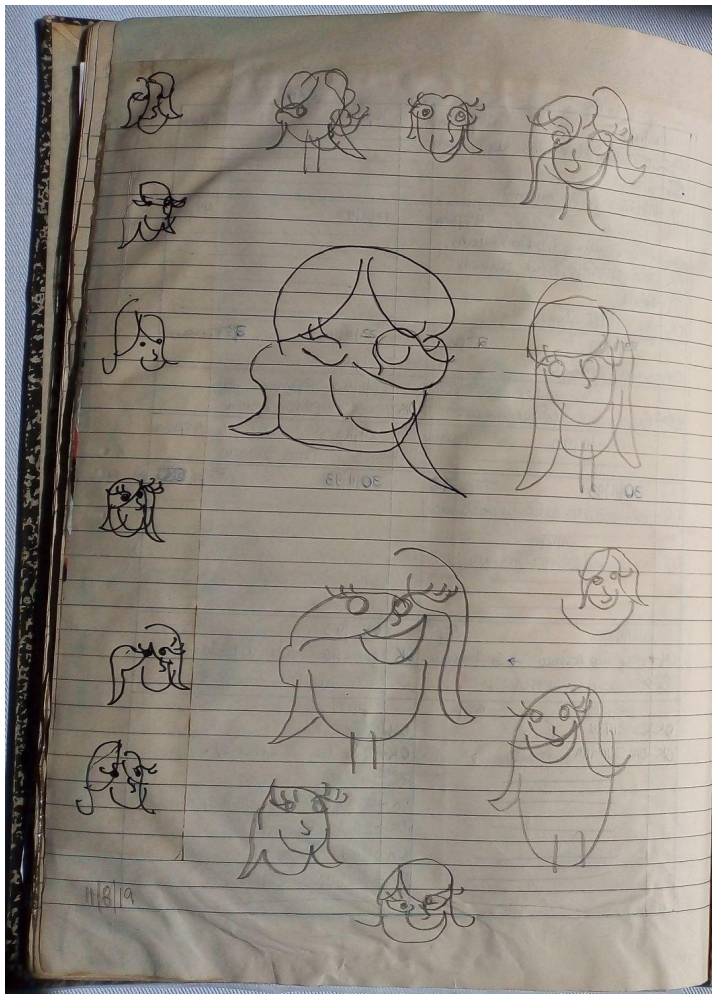
* o querer querer

* o ser vivo

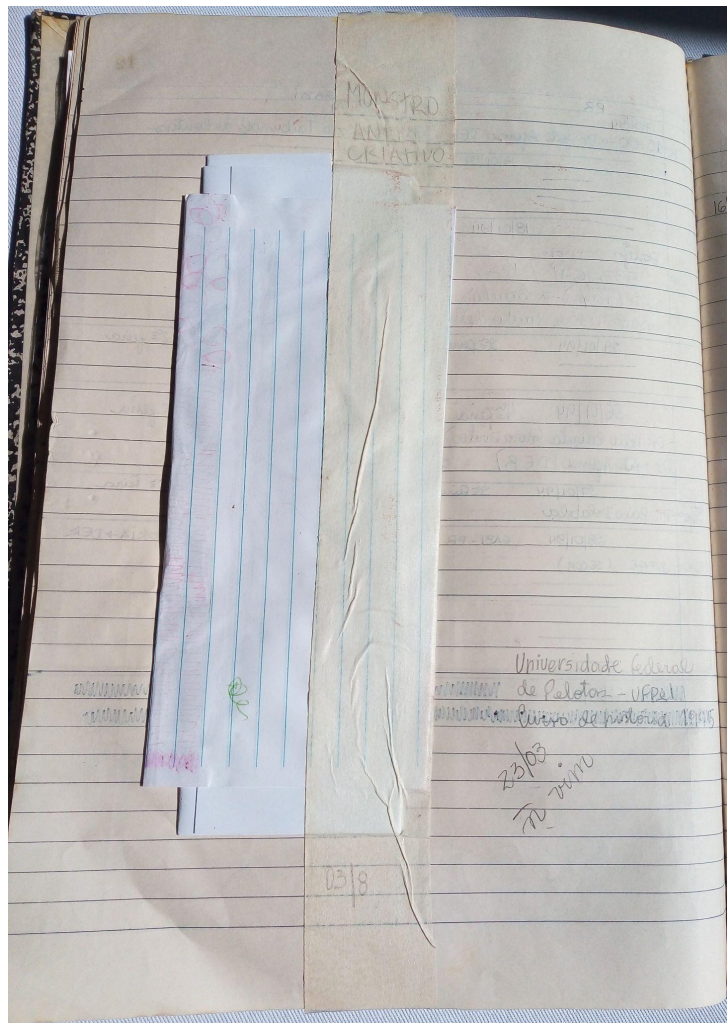
o amar intenso

o ver-se rebiscado





02/03/04	4 ^{ta} fila
03/08/19	sabado



MINISTRO
ANILAS
CRIATIVO

Universidade Federal
de Pelotas - UFPel

Curso de Psicologia

23/03
π

03/8

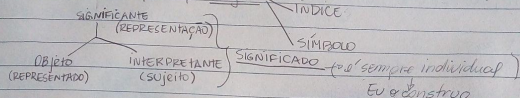
27/03/95

14

SEMIÓTICA

→ surgem p/ elucidar os processos de significação

- 1- SEMIÓTICA - Estudo ou teoria GERAL dos signos.
- 2- SÍMBOLO - Aquilo q. está no lugar de outra coisa - é a REPRESENTAÇÃO de alguma coisa
- 3- CLASSIFICAR - Relação c/o objeto



≡ BLIKSTEIN, RASTAR HAUSER (1982), ED. CULTRIX ≡

→ construímos significados a partir dos representantes

razões compreendidas como os povos vivem 28/03/95

→ obscuridade → o elemento feminino = no cristianismo representa a Virgem.

→ mistério → algo q. se abre e portanto que contém. (é cálice: gral)

Monachismo = o B se salva por esta causa. o cálice da sabedoria
 a Reforma rompe essa ideia o cálice que contém o sangue de Cristo
 o B se salva por sua fé e não mais por seus atos.

Abade - nobre, cuidado
 monges (unidades) / monges conversos (conversiones)

Sacerdotes - pobre, pecc, animalíaco
 de origem nobre

San. gregos - nobre, claro, humano
 praticam em todo tipo de serviços (inc. brapan)

heretigos - tinham um dialeto próprio; não os livros e a sabedoria
 no mosteiro → de origem humilde

- tinham atitudes próprias;

plutarquia (magia)

Fogo - elemento purificador - cria vida e não mata

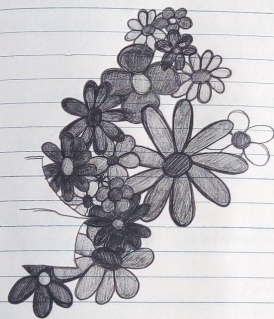
Água - dá a vida mas também mata.

02-04-95

categorias → formas de classificação (do mundo) (macro/microcosmo)

representações → formações mentais (tempo riqueza d'usito)

pelas quais o homem organiza seu mundo (sua própria cultura)



REBELIÕES DA SENZALA

18

ESCRÃO - FORÇA PRODUTIVA,
INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO,
MERCADORIA.

artigo texto: CLOVIS NOUÇA (ABORDAGEM CRÍTICA, DIALÉTICA -
MARRISTA)

Enquadra-se na história social - luta de classes conforme a

história - uma classe predomina, se sobressai.

tem: ESCRAVÃO CLÁSSICO como igual ao escravo brasileiro.

política escravo, "era a mercadoria que gerava mercadorias"

(1979 - 18)

1912 - votar pelo abolicionismo



FIO DA MEADA

Os andorlhos, as orinaças e os
passarinhos são o dom de sua poesia.
Mansel de Barros



É preciso ter esperança, do verbo
esperança.

Os andorlhos, as orinaças e os
passarinhos são o dom de sua poesia.
Mansel de Barros

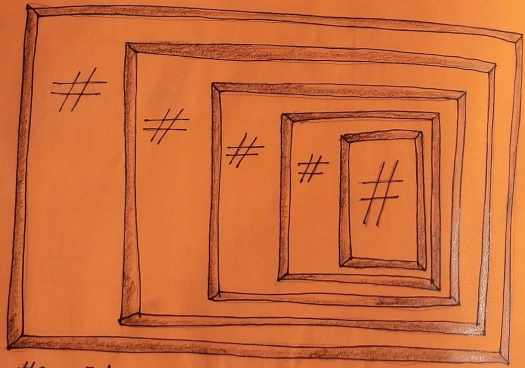


É preciso ter esperança, do verbo
esperança.
Paulo Freire



10/8





formação de professores



Maio 1969
Carta a Mondrian

Para que eu não estivesse querendo ser um artista e não estivesse a fazer trabalho, tenho também o prazer de ser com você numa foto fofa e sentir como se você estivesse comigo e com isto já não me senti tão sozinho. Talvez amanhã possa dar também de meus olhos, da minha solidão e de minha ternura a alguém que será um artista como eu ou talvez mais ainda, como você. Não sei para que você trabalhava. Se eu trabalho, Mondrian, é para antes de mais nada me realizar no mais alto sentido físico-religioso. Não é para fazer uma superfície e outra... Se exposto é para transcender e sobrepassar este "momento" parado na dinâmica cosmológica, que o artista capta. Você que era um místico deve sentir e quantas vezes ler vindo "momentos" como este dentro da vida, ou não?

Dizem que você detestava a natureza - é verdade? Para eu senti hoje uma transcendência através da natureza, da natureza no amor - como você poderia sentir a natureza? Você não acha que a obra de arte é o produto de duas polaridades que é a dinâmica da vida humana? Você estava preso à terra tão profundamente e o voo na sentida da verticalidade era sua meta?

Para a natureza me alimentou, me equilibrou, me sustentou de uma forma pantástica. Mas com o tempo, numa outra fase, já isto não adiantou e foi o "vazio-pleno", a noite, o silêncio dela que se tornou a minha moradia. Através deste "vazio-pleno" me veio a consciência da realidade metafísica, o problema existencial, a forma, o conteúdo (espaço pleno que só tem realidade em função direta da existência desta forma...)

Quando você acreditou no homem, você fez mais: num sonho utópico, estúpido, perdeu em eras vindas em que a própria vida "construída" seria uma realidade possível.

Que não te salvasse da tua própria solidão. Para eu, minha amiga, não sei porque não acredito. Não por excesso de realismo mas para mim o coletivo só existe na razão de um equilíbrio de ordem física e social. Se o homem não pode sentir como é importante esse desenvolvimento interior - chamemos de uma forma que nasce com a pessoa como um punho fechado, talvez se abrida no próprio tempo como o próprio nascimento - então ela jamais poderá atingir sua plenitude como a rosa que se abre dentro do tempo e quando o tempo morre a plenitude realizada, inteligente e feliz...

Mondrian, um segredo eu vou te contar às vezes, eu me sinto tão desesperada, porque no momento em que tento este problema e quando o fio "do meio" me envolve com todos os seus braços e procuram fechar este novo tempo que desabrecha na minha forma interior, amassando pétalas frescas e

17/01/09



Difícil fotografar o silêncio
(Manoel de Barros)

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada, a minha aldeia estava morta.
Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava
entre as casas. Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela
rua carregando um bêbado. Preparei minha
máquina.

O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.

Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim no beiral do
sobrado.

Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na
existência mais do que na pedra.

Fotografei a existência dela.

Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.

Fotografei o perdão. Olhei uma paisagem velha a
desabar sobre uma casa. Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre. Por fim eu
enxerguei a nuvem de calça. Representou pra mim
que ela andava na aldeia de braços com
Maiakoviski -- seu criador.

Fotografei a nuvem de calça e o poeta. Ninguém
outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa
para cobrir sua noiva.

A foto saiu legal.



"É preciso ter esperança, mas ter
esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem
esperança do verbo esperar. E
esperança do verbo esperar não é
esperança, é espera.

Esperançar é se levantar,
esperançar é ir atrás, esperançar é
construir, esperançar é não desistir!
Esperançar é levar adiante,
esperançar é juntar-se com outros
para fazer de outro modo..."

Paulo Freire

ANEXO -LADO B CAPA

①

A cada passo dado não tem ré
(Pedra Homem)

Tive uma vez um professor que me tirava o ar, seu nome era Trogo. Logo no primeiro semestre, primeiro período da faculdade de Filosofia, com letra maiúscula. Pera. Vou ter que interromper pra falar de outro professor. Seu nome era Gilmar. Gilmar Bonamico. Nome lindo pra professor. Considerei logo na primeira aula que ele já era meu amigo. Nunca soube o que queria ser quando crescesse. Sempre cutuquei, cavaquei, alisei, puxei, cortei, colori, pintei, rabisquei, apalpei, estapeei, belisquei, descasquei, percebi e aprendi tudo com minhas mãos. Então pensei em ser artista. Aliás, quis estudar Belas Artes, quis por um breve tempo, porque naquele momento da vida, não estava acostumada a poder querer muita coisa. E logo logo não pude. Me disseram que não podia. Não podia porque eu não podia, não era capaz, ou porque não era permitido, tipo por uma lei? Foi difícil confundir os não poderes, mas eu confundi. E é difícil até hoje saber que confundia. Aceitava. Mas também não aceitava. Esperava que a vida me dissesse, quando saísse da escola: Oi, eu sou a vida e você vai ser isso: tal coisa. Fiz um teste vocacional uma vez. Péssima idéia. Segundo ele, poderia ser médica, física, matemática, astrônoma, policial, psicóloga, babá, cientista, bióloga, malabarista, acrobata, motorista de caminhão, levantadora de peso, pianista, engenheira, mestre de obras, assistente de Papai Noel, tudo. Podia querer qualquer coisa. Triste sina. Logo eu, que não sabia como se queria, quando o não poder tomou conta. Engraçado que o tal teste não disse filósofa, pois onde já se viu, aluno da oitava série, classe média, na década de oitenta, querer ser filósofo. Realmente, tinham razão. Nunca tinha pensado nessa possibilidade. Também não deu

2

artista. Nem bailarina, claro! Verdade que tinha afinidade com tudo, menos com motor de caminhão. Mas voltando ao Bonamigo, bastou uma crônica do Chacal, e um texto do Kipling. Nem foi livro. Apenas um texto, que devia ter uma página. Veja que simplicidade. Bastou uma gaivota alçando vôo pra que eu questionasse o que estava fazendo aqui, o que realmente conhecia, o que há pra se conhecer, e até onde se pode conhecer. Pronto. Deu. Fui. Fui fazer filosofia. Não me lembro de outra coisa que tenha lido nas aulas de Ensino Religioso. Aliás, esqueci de falar. Era colégio de freira e tínhamos aula de ensino religioso. Ensinavam a não ser. Era Jesus pra cá e Jesus pra lá. Não podia isso, nem aquilo. Ainda mais, aquilo. Não podia nada. Tudo fazia você ir pro inferno. Queria acreditar que podia tudo. Mas me faziam acreditar mais no inferno do que em Cristo. Eram sempre freiras que davam aula. Uma vez, mudou a professora no meio do ano.



IRMÃ NELMA →

Ah, mas porque a irmã Nelma saiu? Parecia que gostava tanto de ser professora!

Ficamos sabendo, meio que escondido, que ela tinha se apaixonado. Maravilhoso! Ela me fez acreditar menos ainda em religião. Ou pelo menos na religião católica. Eu era super acostumada e ver todas aquelas freiras, mas se quer saber, são ETs, só pode ser isso. Como pode? Justo na citava série tivemos uma professora que não era freira, me lembro direitinho, Dulce Baísta. Era uma beata rica, que não tinha cara de queria das aula de religião. Porque sim, existe essa cara. Ela ficava contando histórias das mil e uma noites, das mil e uma viagens que tinha feito pelo mundo. Mas, na hora da prova, tinha que olhar capítulo e versículo certinho na Bíblia e responder perguntas sobre eles. Pronto. Na citava série, uma excelente aluna, tomei minha primeira recuperação. Em religião. Mas como? Como poderia? Fui correndo ler minha prova e pra mim não tinha nada que estivesse errado. Aí li pros meus colegas, ainda chocados com a minha recuperação, a pergunta que quase me deu bomba: O que é quaresma? Li minha resposta que fez com que todos caíssem na gargalhada. Mas nem me envergonhei. Pois acreditava mesmo naquilo. Respondi que eram os quarenta dias que Jesus caminhou com a cruz no deserto. Como poderia não ser isso? O cara fazia horrores! Fazia de um tudo! Perguntava: Se o cara curava leproso, cego, multiplicava pão, peixe, e transformava água em vinho, porque cargas d'água não ia andar quarenta, só quarenta diazinhos no deserto carregando uma cruz? Deu pra entender que não acreditava, né!? E que aquelas pessoas não ensinavam nada. Nem me lembro se a Dulce continuou até o segundo ano. Mas, bastou essa escapada. Colocaram um filósofo, no último ano, pra ensinar Religião. E aquele olhar de um Bonamigo e aquele simples textos transformaram uma aluna da citava série. Nesse ano, ele foi meu teste vocacional.

EU, ALUNA DA IRMÃ NELMA

④



Voltando ao professor Trogo, que tinha a minha mais total e completa admiração. Ele ensinava Filosofia Grega. E ensinava belissimamente. Pinçava textos, livros e autores, que levavam a estado elevado de pensamento, quase um êxtase a cada descoberta. Sabe a expressão ficar de boca aberta? Era isso. Só que com minha mente, e meu espírito. Conheci o Trogo. Conheci Platão. Que me ensinou sobre o amor. Logo ele. Do século IV antes de Cristo. Com outro professor, Ricardo Fenatti, conheci David Hume. Eram professores ensinadores. Percebi, logo nessa época, e maravilhada, que o Conhecimento era uma reação química. E ele eram os químicos. Mesmo percebendo isso, Descartes me disse que começando a estudar filosofia também aos dezessete, parou pois percebeu que não se poderia entender a Filosofia sem maturidade - Isso mesmo. No Discurso do Método. E pra mim. - fiquei extremamente embaraçada e envergonhada. Inda mais quando percebi que eu jamais compreenderia a Filosofia como o seu Daniel,

5

um colega com sessenta anos, que nos últimos cinco anos teria aprendido a ler, feito supletivo do primeiro e segundo graus e passado no vestibular da UFMG, para estudar Filosofia. Mas era como se o Trogo insistisse, através de Platão, Aristóteles, e Sócrates, apesar dele ter me falado que quanto mais eu estudasse menos eu saberia. Filho da puta. Era eu, acostumada a obedecer e ainda embaraçada e envergonhada. Ainda insisti por uns anos, mas acabei desistindo. A sensação é de que eu nunca conseguiria chegar lá. Nem sei aonde. Mas ainda tinha tempo. Nunca esqueci meus professores, ensinadores, químicos.

Comecei a achar que podia fazer, sempre mais do que pensar. O tempo correu um pouco e no meio do meu caminho tinha uma placa: Fazer. Comecei o curso de Programação Visual.



6

Ainda não tinha achado o fim. Mas o caminho. Nessa época e naquela escola, os professores não eram químicos. A química estava em mim. Entre eu e os lápis, as tintas, papéis, tecidos, buggingangas, objetos, lixo reciclável, as folhas das árvores, as flores, a natureza, o chão, o céu, o sol, o ar, e até o invisível.

Mudei de cidade e trabalhei com cenografia por vinte anos, onde fazia um pouco de magia.

Foi natural. Mas, hoje não me parece mais natural. Quero me envolver com pessoas. Virar cambalhotas com elas. Quero trocar com elas. Quero que meus filhos aprendam. E que aprendam comigo que se pode fazer e mudar tudo se tiver a clareza da vontade.



↑
NÃO PRECISA DE LEGENDA

ANEXO - LADO B PÁGINA 6

7

Pensei em ser professora depois de ter sido convidada a dar aulas de cenografia numa escola de ensino médio. A mais bacana que conheci, em toda a minha vida até então. Foram só três meses, mas me sentia ilegal naquele papel, apesar de conseguir desempenhá-lo.



↑
OFICINA

Resolvi que queria ser professora de artes. Mas minha maior dúvida era: Como ser professora de artes sem ser artista? Sem uma formação acadêmica ou alguma prática artística? Então fiz Licenciatura em Arte Visuais com letra maiúscula. Porque me percebi que me expressaria melhor através das artes visuais. E sempre estive disposta a ensinar o fazer das coisas.



8

TAMBÉM
NÃO
← PRECISA
DE
LEGENA

E que talvez devesse ter seguido minha mãe, que como minha tia, seguia a minha avó. Foram professoras a vida inteira. Desde os dezessete. Nunca me vi professora. Achava que precisava de um dispositivo especial obrigatório, e que eu tinha vindo ao mundo sem ele.

9



Elas eram professoras ensinadoras e químicas.
Alfabetizavam. Escuta só: A L F A B E T I Z A V A
M... Pura mágica! Nunca seria capaz disso! Mas tô
apostando nisso. Na genética. E procurando a peça
que me falta.

ANEXO - LADO B PÁGINA 9

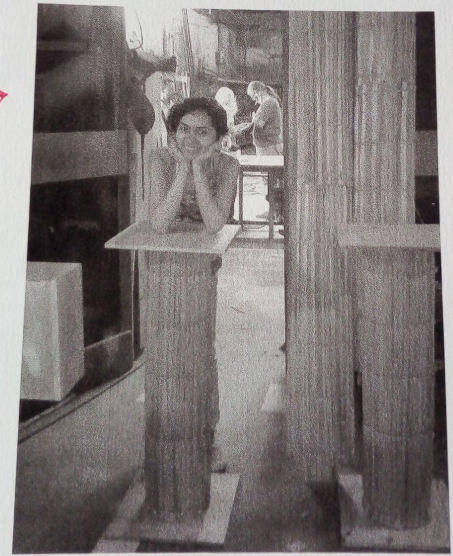
Dou aula às segundas feiras. Há três anos. Num projeto especial. Único. Privilegiado. E eu, a privilegiada.

No primeiro ano, no primeiro dia, parecia que ia explodir, me consumindo de medo, ansiedade, insegurança, praticamente alucinando. Mas tinha que dar tudo certo! E vejam bem: era uma aula experimental. Ou seja, a partir daquela aula, os alunos decidiriam: Quero fazer isso. Não quero fazer isso. Que responsabilidade! Usei blusa nova. Me emperiquei toda. Colar, anel, brinco, óculos, batom. Até cinto. Imagina. Não uso cinto desde a década de oitenta. Tudo para parecer aquela professora bem segura e experiente. Tipo gente que usa cinto. Funcionou. Ajudou a me encorajar. Para minha surpresa, e muito alívio, ninguém foi experimentar. A coordenadora do projeto, hoje minha amiga, disse com tranquilidade que aquilo era normal. Um alívio. E desespero. A estreia foi adiada. Juntei um pouco da coragem que arrecadei da semana anterior e consegui dar a aula. Levei um laptop do século passado, que só funciona com caixa de som. Não tinha cabo de vídeo. Não consegui passar pro data show. Meus óculos quebraram a perna. Me senti completamente capenga. E que na aula seguinte todos desistiriam. Diante disso, respirei fundo e segui o planejado. E essa foi a única aula que cumpri o plano de aula, nesses três anos que se seguiram. Cada aula daquele ano sofreu da mesma forma que no primeiro dia. Minha sorte é que faço pose. Tenho pose mas não consigo ser formal. Consigo. Mas procuro ser bem próxima dos alunos o que torna tudo mais fácil, na vida, pra mim. Uma grande dificuldade, talvez a maior de todas, que se repete todos os anos, é que tenho alunos de todas as faixas etárias. Será que sabem muito mais do que eu? Fico pensando no Seu Daniel.

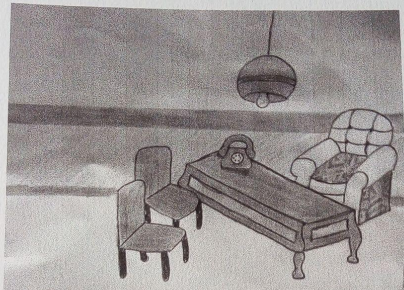
11

Quem me dera dar aula pra ele. Será que conseguiria ser um professora ensinadora química? Tenho uma aluna querida do meu primeiro ano, Camila, hoje amiga, que rolou essa equação química. Percebi que ela se transformou.

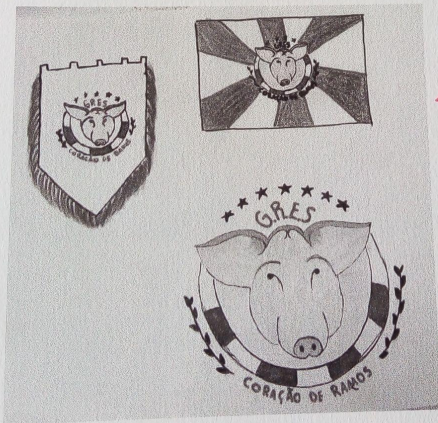
Camila →



No segundo ano também, a Sheila e a Shayenne saíram imponderadas, se transformaram também.



← Sheila



← Shayenne

Me modifico, me transformo, me aumento, surpreendo a cada ano. Sofro a cada dia, desejando repetir essa transformação química nos alunos. Mas não existe a equação certa, a fórmula. Só acontece. É isso.

Esse ano a turma é incrível. Estou tentando. Parece que vai dar certo. A turma é incrível! Tenho aluno mais velho que eu. Dou um duro danado e às vezes ainda penso que seguiriam facilmente sem mim. Nesses momentos sou insegurança. Só no fim do ano sou completamente feliz vejo o resultado da felicidade de cada aluno com seu trabalho e sua coragem.



turma
De 2019 →

Ver essa transformação ali na hora, tamanha e tão nítida que da pra ver e a olho nu, é maravilhoso!

Putz! É bom demais!









Trabalho final da disciplina: Perspectivamos| ameríndios e saberes urgentes no terreno educacional em Artes Visuais.

Professor: Alexandre Guimarães

Curso de especialização em SABERES E FAZERES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS - PROPGPEC - Colégio Pedro II

Aluna: Barbara de Quadros Saraiva

Título: Aprender a pisar com leveza a "Mãe Terra"

O que eu vou fazer é apresentar essas imagens do meu olhar. Imagens e falas, que pra mim representam o papel da educação e do que a gente faz, como arte-educadores. Na verdade, o porque que a gente faz. Palavras que precisamos dizer.

São falas que me conectam, e eu acho que a todos vocês, pelo grau de sensibilidade que eu já pude conhecer de cada um, ao ouvi-las, nos conectam imediatamente com nosso coração, com nossa mãe, com nosso pai, nossa criança, com nossos amores verdadeiros, com nossos filhos, nossa avó, nossas árvores, todas aquelas que já subimos na vida, com o amarelo caído da casa da minha vó, com o pé de pinha, meu preferido, com o de manga, apesar de conseguir só subir e nunca conseguir descer, só despencar, com o chão do quintal, com bilhões de tipos de formiga diferentes, com o cheiro de umidade das folhas do chão, com a chuva, com o afeto, com o aconchego, o colo da mãe e o colo da terra, onde a gente passa tanto tempo quando é criança.

"Acho que educar é como catar piolho na cabeça de criança. É preciso ter confiança, perseverança e um certo despojamento. É preciso também, conquistar a confiança de quem se quer educar para fazê-lo deitar no colo e ouvir histórias."

Daniel Munduruku

"Quando uma criança krenak nasce, não vai para a creche, fica com a mãe, as avós e as tias. Partilham um cotidiano e um modo de estar na vida. As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedores, porque, para uns vencerem, outros têm de perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida onde o indivíduo conta menos do que o coletivo. Este é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração." Ailton Krenak

"Perguntar para uma criança o que ela quer ser quando crescer é uma ofensa. Como se ela fosse receber um crachá de 'ser' só quando adulto. Isso é apagar o que ela já é".

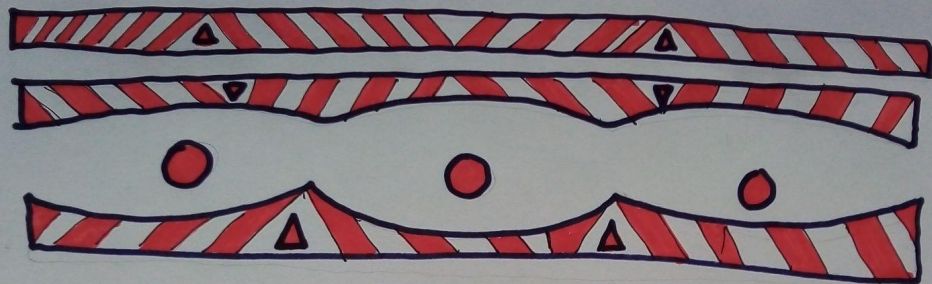
"À respeito de nós, brancos, diz que somos aqueles que não aprenderam a pisar com leveza a "Mãe Terra""

"E a sua memória mais antiga é muito simples: "Eu não sei viver sozinho.""

Ailton Krenak

"Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio(...)"

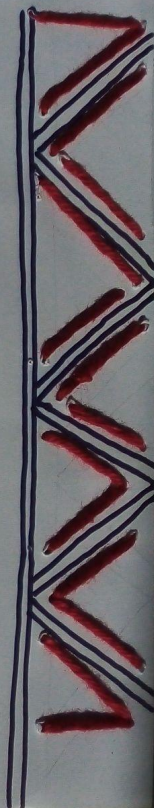
Walter Benjamin, p. 85, 2002.

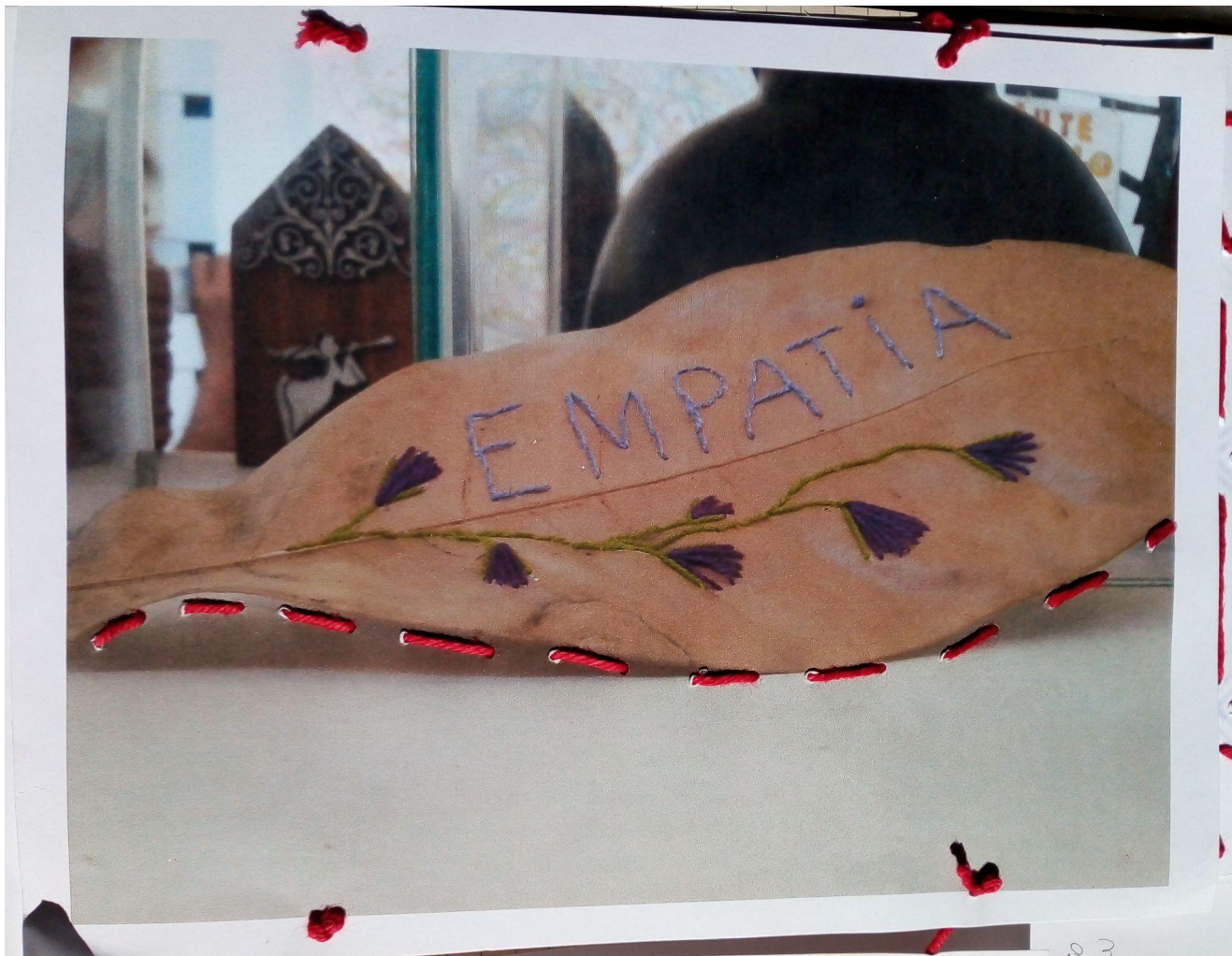


I DEIAS PARA ADIAR
O FIM DO NOSSO
MUNDO

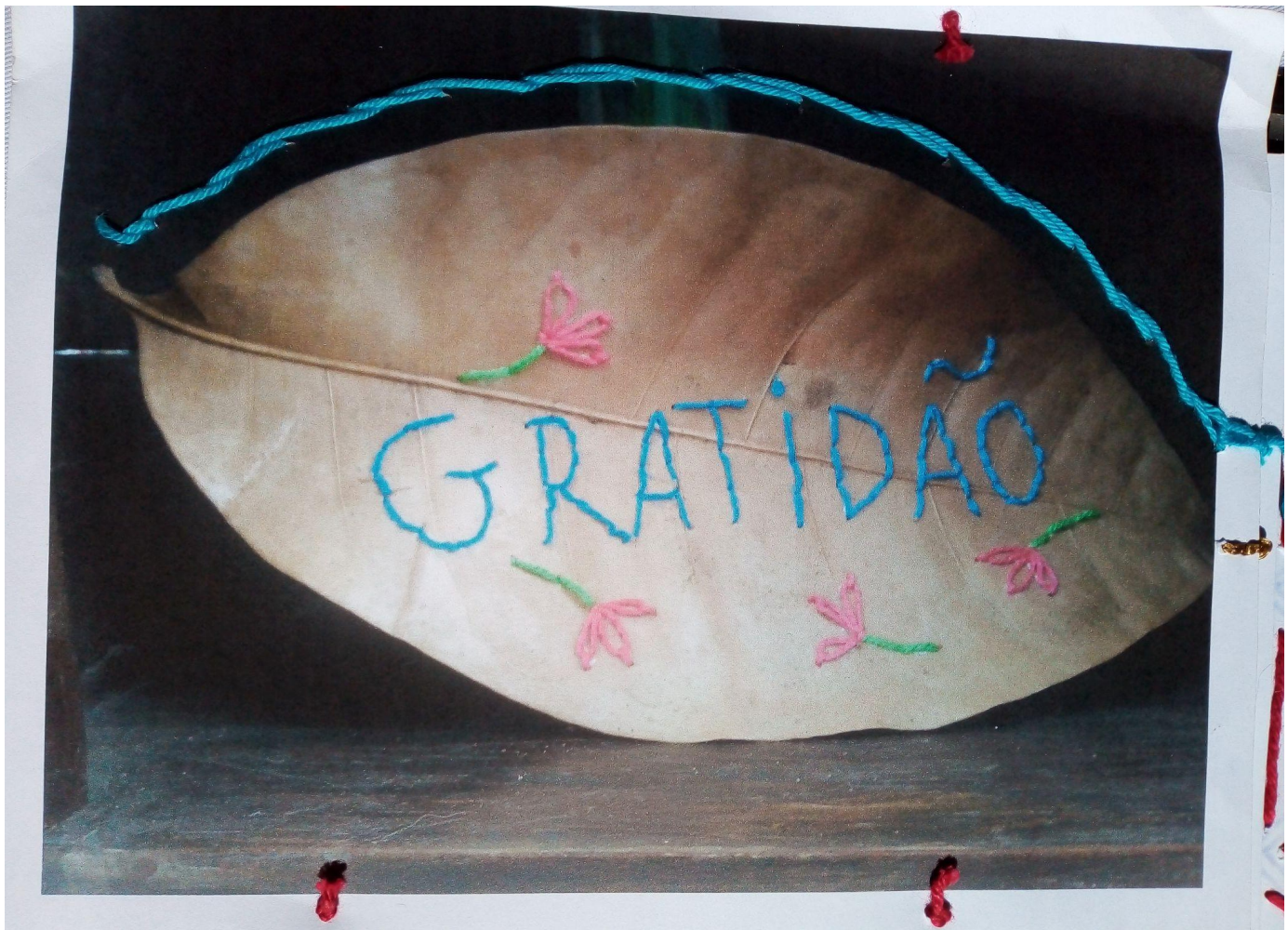
" Acho que educar é como catar piolho na cabeça de criança. É preciso ter confiança, perseverança e um certo despojamento. É preciso também, conquistar a confiança de quem se quer educar para fazê-lo deitar no colo e ouvir histórias."

Daniel Munduruku









FLORESTA



de

pé



fascismo NO chão

sardades do tempo real, Eu sou o tempo real.

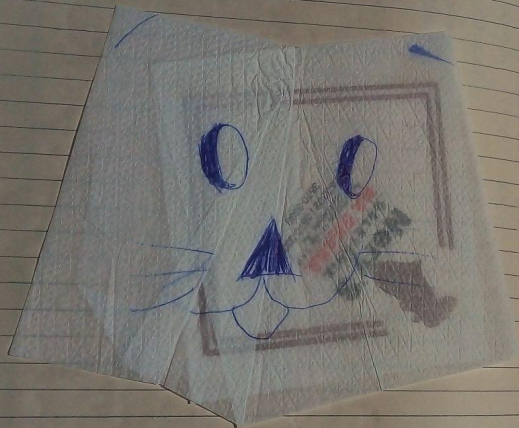













28/09/19 Hilenio Silva
RELACOES
- Prof CARINE ID ETNICO-PACIAS
- Soachides ~~Antropologas~~
hierarquias



 ETNIA BANTO!



There was a boy
a very strange
circumstantial boy
they say he wandered very far
very far
over land and sea
a little shy and sad of eye
but very wise was he

But then one day
one magic day
he passed my way
and while we spoke
of many things
poets and kings
this he said to me:
"The greatest thing
you'll ever learn
is just to love and
be loved in return."

mat. 95112575

Arquiteta

gicene

Kitueta

273619

gicene

300,00

-50

250,00



FISK

tema:
 Os quatro elementos fundamentais
 Proposta de uma aula para a educação infantil.

Propor aos alunos um debate sobre a materialidade do mundo que os materiais encontramos na natureza? De que são feitos os corpos e utilizamos? Como proposta prática observando os materiais.

URGENTE
 URGENTE

CONFIDENCIAL
 CONFIDENCIAL

18

82